

O Domingo de Páscoa



José de Azevedo

Se para os cristãos a Páscoa é a maior e mais importante festa da Cristandade, para o poveiro o Domingo de Páscoa é a apoteose da sua fé. Celebrando a ressurreição de Cristo depois de ter sido crucificado, o poveiro desdobra-se em celebrações religiosas, símbolos e tradições. O Domingo de Páscoa é um dia de grande alegria, de são convívio familiar e de prendas. É o dia do beija-mão aos padrinhos, da rosca ao pescoço, do jogo da pela, de roupa a estrear, da casa lavada (outrora esfregada com sabão amarelo), da merenda ao fim da tarde e duma dança com remate à porta de casa.

Na minha juventude, e ainda hoje se repete embora com menos fulgor, a grande festa de Domingo preparava-se no sábado anterior, o Sábado Santo ou Sábado de Aleluia. Na Igreja Matriz, chegada a hora da ressurreição, momento em que Jesus se levanta do Sepulcro, altura em que os sinos são desamarrados e os crepes caem, o sacerdote anunciava a "Aleluia" e as crianças, em grupos, de campainhas na mão, saíam percorrendo os templos da cidade anunciando a boa-nova. Grupos de homens e jovens, com o *tim* das campainhas, chamavam gente às janelas que, alegremente, saudavam a ressurreição do Senhor, enquanto se ouvia o repenicar dos sinos nas igrejas. Em alguns bairros havia queima do Judas, com maior ou menor envolvimento popular, com mais rica ou mais pobre encenação. Li-se o testamento, geralmente com pródigas "doações" aos vizinhos ou governantes. Anos atrás, os "rapazes das campainhas" percorriam as ruas da Póvoa no domingo de manhã, depois passaram a fazer os arruamentos ao sábado à noite, depois das 23 horas. O motivo era o mesmo: anunciar a ressurreição de Cristo, gritando *Aleluia!*, palavra de origem hebraica que significa *Louvai o Senhor*.

No domingo esperava-se a sagrada visita Pascal. Toda a casa tinha um tapete de flores à porta para que o compasso entrasse com grande dignidade. Sacerdotes, leigos e confrades, com cruzes com flores, para a bênção da casa e da família. O compasso era (e é) uma imagem de marca da Páscoa poveira. Não havia rua onde não se fizesse representar. O desfile dos

jovens de rosca (regueifa) enfiada no pescoço, pela manhã, era outro "produto" pascal, hoje caído em desuso pela entrada em cena do pão-de-ló.

Depois do almoço jogava-se na rua o animado jogo da pela. Não sei se noutra terra do país existe este costume, mas a Póvoa sempre o fez na máxima força e com o maior dos entusiasmos, entre velhos e novos, homens e mulheres, ricos e pobres. Só era preciso uma *cachola* (banco) e uma bola. Um grupo lança a bola e o outro, depois de a agarrar, tem de acertar no banco. Vence quem primeiro perfizer 30 *eis* (pontos). "*Esquina bolinha pelas bandas da Caxina*" era a praga habitual. Nos tempos de hoje, e muito compreensivelmente, a pela está a perder força na cidade mercê do arranjo das ruas e do seu movimento automóvel. Pelo fim

O BAILE DE PÁScoa

Enquanto as famílias com menos posses escolhiam a rua para a dança, as mais abastadas organizavam bailes em salões decorados com requinte. A Páscoa sempre era um dia de grande significado. No quinzenário poveiro "O Grilo", um jornal de crítica, humor e crónica social, relatava-se o "Baile de Páscoa da Assembleia Recreativa Povoense" na Páscoa de 1875. Um baile memorável, na sua sede, à Praça do Almada, frente ao Pelourinho, a coincidir com a data do 20.º aniversário da Assembleia. Destaque para a sumptuosa decoração dos salões a cargo do senhor Forte, um dos mais dinâmicos directores daquele clube social. Dizia o jornalista que "nunca vira nada assim": as paredes estavam cobertas com eras entrelaçadas, as luminárias

um pequeno excerto do artigo do jornal "O Grilo": "*Oh! como estava linda e deslumbrante uma jovem silfidica, uma inglesa, pura na transparência, de uma atracção misteriosa, cheia de fascinação angélica, o mais suave da poesia, na mais elegante das formas femininas. A Vénus de Praxíteles, não era mais formosa, nem as madonas de Leonardo da Vinci tinham mais inspiração. Envoltas numa toilette de cisne, ondulam-lhe caprichosos, no dorso, louros cabelos, e seu pai, louco da ufania, revia-se naquela fronte coruscante, de beleza, simpatia e de inocência. Foste a rainha da noite, Arminda Souto. Cingiste mais uma vez a requestada grinalda*".

Era assim que se descrevia uma donzela, que caíra no goto do jornalista, e que na noite do domingo de Páscoa ousava dar o seu pezinho de dança no único clube de diversão da época.

nos de Rosca Enfiada no Pescoço, pode juntar-se ao lote das tradições de domingo da Ressurreição, o Baile de Páscoa, um baile que deve ter tido poucos anos de vida, já que em descrições posteriores do Clube não aparece esta animação.

"O GRILO" E OS OUTROS

O jornal "O Grilo", o tal que relatava gongoricamente o Baile de Páscoa da Assembleia, era um dos muitos jornais que se distribuía na Póvoa no século dezanove, tempo em que as publicações periódicas apareciam como cogumelos, na sua maioria com vida efémera. Para se avaliar a imprensa da época, vamos lembrar algumas das publicações desde 1873 até à implantação da República, em 1910.

O primeiro semanário a ser publicado foi o "Gazeta da Póvoa de Varzim", de Abril de 1870 a Dezembro de 1872. Seguiram-se: "A Metralhadora" (crítico e humorista), Junho de 1873 a Maio de 1874, altura que se fundiu com a "Gazeta da Póvoa de Varzim"; "A Comarca", de Julho de 1874 a Março de 1876; "O Grilo" (crítico, social e humorista) começou em Março de 1875 e em 1889 ainda se publicava; "Echo Povoense", Abril de 1875; "O Clarim" (crítico e humorista), de Julho a Agosto de 1877; "Estrela Povoense", Fevereiro de 1877 e em 1910 ainda se publicava; "O Mosquito" (crítico e humorista), de Fevereiro de 1878 a Fevereiro de 1880; "Comércio da Póvoa", de Março de 1880 a Março de 1882; "A Independência", de Dezembro de 1881 até 1889; "O Povoense", de Julho de 1881 até 1903; "O Melro" (crítico e humorístico), Agosto de 1883; "A Hidra", Junho de 1891; "Facho Verde", Maio de 1885 a Maio de 1886; "Tentamen" (literário), Julho de 1886; "A Aurora" (literário), Julho 1886; "A Praia" (literário), Agosto de 1899; "Coisas e Loisas" (crítico e humorístico), Maio de 1891; "A Coroa", Agosto de 1892; "A Juventude", Janeiro de 1893; "O Liberal", Abril de 1895; "A Propaganda", Janeiro de 1903 (em Dezembro de 1910 ainda se publicava); "O Comércio da Póvoa de Varzim", de 3 de Dezembro de 1903 até hoje.



O Jogo da Pela era um dos momentos mais animados do Domingo de Páscoa na Póvoa

da tarde, acabado o jogo, montava-se um *comes-e-bebes* na sala da frente ou na porta da rua. Um pequeno beberete para quem se "esfalou" a acertar a bola no banco ou a gritar "*Eu te enfeitiço, minha bola de burriço!*". Uma animação pegada e um fartote de rir a tarde inteira.

Ao cair da noite, apareciam os homens da concertina, da gaita de beijos, do bombo e da viola e eis uma modinha valseada para entreter o povo até a hora de recolher a penates. Antes das despedidas, a combinação pré-via para o dia seguinte, a segunda-feira do Anjo, sobretudo na escolha do farnel e dos acompanhantes. O Domingo de Páscoa no meu tempo de jovem era o dia mais animado do ano. Um dia muito especial no calendário da vida. Um domingo diferente que toda a gente ansiava.

(1) estavam dispostas artisticamente por vários recantos da sala e nos mais variados espaços, fora e dentro do salão de baile viam-se vasos com flores lindíssimas, reflectindo-se nos múltiplos espelhos, emprestando ao ambiente um quadro poético carregado de charme.

Embora a decoração fosse deslumbrante, não se poderá dizer que o baile fosse um sucesso em frequência. No enorme salão não estariam mais de vinte damas, todas elas vestidas a rigor e irradiando simpatia, obrigando o lote de mancebos espalhados pela sala a fixar repetidamente aquele majestoso nape feminino, capaz de fazer sonhar o mais púdicico dos dançarinos presentes.

Utilizando a prosa redundante da época, para se avaliar o ambiente do baile pascal, eis

Um clube que juntava as famílias mais prestigiadas da Póvoa, e que andou em bolandas de um lado para outro, até acabar na Rua dos Cafés (onde ainda hoje se encontra) com o nome de Assembleia Povoense.

Resta acrescentar que o baile de Páscoa tinha serviços de *buffet* repetidos durante a noite. Serviço abundante e do mais fino gosto, a condizer com a elegância do evento, sabiamente dirigido e animado pelo senhor Joaquim Martins da Costa, um comerciante distinto, popularmente conhecido pelo *Quim do Cano*, a alma-mater da Assembleia Recreativa Povoense. A orquestra animou o baile até as seis da manhã, hora anunciada pelas sonoras badaladas do relógio sineiro da Matriz.

A juntar ao Jogo da Pela, ao Vira Valseado na rua e aos Meni-

1) A iluminação pública desta vila foi iniciada em 1862, sendo presidente da Câmara Plácido Luís Monteiro e vice-presidente João Pereira Baptista. Cada vereador pagou à sua custa um lampião e o Visconde de Azevedo, que então residia no seu palacete à Rua do Visconde, pagou dez. A princípio era a azeite, passando mais tarde a petróleo e, por fim, a gás.